

Integração Psicofísica: O Trabalho Corporal e a Psicologia de C. G. Jung*

Ana Maria Galvão Rios**

A existência humana ocorre necessariamente num tempo e num espaço determinados. Entendemos o corpo como o primeiro e mais importante espaço da existência, o lugar onde somos, sentimos, expressamos, construímos nossa vida e nossos relacionamentos. Mas, quando falamos sobre corpo, a que corpo nos referimos? Trata-se do corpo físico, do corpo concreto, com sua fisiologia. Falamos também do corpo dinâmico, da vitalidade, também chamado de corpo etérico. Temos o corpo emocional, uma vez que a manifestação de qualquer emoção tem componentes neuro-vegetativos. Falamos ainda do corpo dos sentimentos, aquele que faz escolhas e atribui valores, o que quer ou não quer, o que se aproxima e o que se afasta. Há o corpo dos pensamentos, que contém a capacidade humana de reconhecer e atribuir significado. Temos o corpo simbólico, expressivo. Há o corpo que é o corpo do relacionamento, o corpo-para-o-outro. Há o corpo do passado, que reconhecemos nas imagens e que sabemos, por continuidade, que um dia fomos nós, o corpo das nossas memórias. Há ainda o corpo futuro, que antecipamos e para o qual nos preparamos. Este é o corpo intuitivo, que se constrói no sentido do vir a ser. Há o corpo que cria e que contempla. O corpo que emana e o que recebe. Há o corpo de plenitude e o pleno de vazios. É da integração de todos esses corpos que este livro fala, uma vez que esta sobreposição de possibilidades do ser caracteriza o humano. Há ainda, conforme aponta o livro, um novo corpo que se constela na pós-modernidade, o corpo que, frente às novas tecnologias, também se constrói na virtualidade.

Rosa Farah, nesta segunda edição revisada e atualizada de seu livro, trata deste corpo múltiplo e integrado enquanto experiência pessoal, como via de intervenção psicoterapêutica e educacional, visando especialmente a formação do psicólogo. No primeiro capítulo discute a necessidade de adotarmos uma abordagem corporal na psicoterapia, que contemple e aborde os diversos níveis do ser, considerando o adoecimento psíquico com seus sintomas multifacetados que atingem o

* Rosa Maria Farah. *Integração Psicofísica: O Trabalho Corporal e a Psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, Segunda Edição.

** Mestre em Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos Junguianos da PUC-SP, especialista em psicoterapia de abordagem corporal pelo Instituto Sedes Sapientiae.

ser humano em sua completude, para além da antiga hierarquia entre as diferentes manifestações. Para tanto, torna-se necessário desenvolver recursos de intervenção tanto terapêutica quanto didáticas, que, de fato, integrem e abarquem as dimensões corporais dos clientes da clínica psicológica, sem perder de vista o enquadre do contexto mais amplo da psicoterapia, além de formar profissionais capazes de atuar adequadamente neste campo específico. O campo da psicoterapia corporal é, ao mesmo tempo, ampliado pelas novas dimensões do ser abordadas e contido num corpo capaz de experimentar, expressar símbolos, reagir e falar sobre si mesmo.

No segundo capítulo Farah discorre especificamente sobre a preparação dos profissionais da psicoterapia de abordagem corporal, que acontece dentro do curso de Psicologia, em sala de aula, num trabalho grupal. Contando com uma atuação na área há mais de trinta anos, a autora observa que cada grupo de estudantes tem uma identidade própria, além de um funcionamento que detém uma dose de autonomia, proporcionando uma experiência de contínua renovação para o curso. Considera que a dinâmica grupal atua sobre o indivíduo em relação dialética, catalisando processos e sendo transformado por eles. O trabalho grupal proposto leva em conta a comunicação consciente entre seus membros, aceitando também com a hipótese do inconsciente pessoal e grupal, que interfere nesta relação através de diversas manifestações. A didática do curso prevê ainda a supervisão de estágios em forma de reflexão grupal sobre as experiências vividas pelo aluno terapeuta no atendimento de seu cliente.

A base comum de todas as técnicas psicoterapêuticas de abordagem corporal, que é o pressuposto de que haja uma representação interna, simbólica do próprio corpo, chamada de imagem corporal, é o assunto do terceiro capítulo. Este parte das primeiras definições de Paul Schilder (1981), que já considerava a imagem corporal como dinâmica, derivada tanto de experiências neurofisiológicas quanto simbólicas, que interfere com e se transforma na relação com o ambiente. A imagem corporal pertence ao processo de formação de identidade, e, dentro da linha junguiana, participa do processo de individuação na medida em que o primeiro ego que se forma é o ego corporal, que inclui uma percepção geral do próprio corpo. Neuman (1991), autor junguiano que estudou o desenvolvimento do ego, afirma que a relação interpessoal entre o corpo da criança com suas necessidades, e a mãe que o acolhe, supre ou frustra, configura, não somente o ego da criança através de um diálogo fundamentalmente corporal, mas sua relação com o mundo.

Nos capítulos seguintes, Farah apresenta o uso do desenho do próprio corpo, uma variação do desenho da figura humana desenvolvida ao longo do curso, como instrumento de múltiplas funções: o conhecimento/reconhecimento da própria imagem corporal, com aspectos conscientes e inconscientes. Tal recurso pode ser

utilizado tanto como auto-observação, quanto grupalmente, treinando com o grupo de alunos a continência, a atitude ética, a diferenciação entre projeções e identificações na observação dos desenhos. O aprendizado ocorre incluindo a transmissão de aspectos teóricos fundamentais a respeito do conceito analítico de símbolo e o modo como o corpo e suas características pode ser entendido como expressão simbólica. O uso clínico dos desenhos é discutido em seguida, uma vez que os alunos são encorajados a atender, aplicar as técnicas corporais e os respectivos registros de desenhos e relatos, refletindo posteriormente com o grupo a respeito do vivido nas sessões de psicoterapia. O livro apresenta ainda um capítulo com exemplos de casos clínicos e sua abordagem, para ilustração dos procedimentos.

No oitavo capítulo, Rosa apresenta alguns exercícios utilizados na psicoterapia que se propõe à abordagem corporal, para os diversos segmentos do corpo, com descrição das técnicas e referências anatômicas. O nono capítulo é especialmente dedicado à Calatonia, método de trabalho desenvolvido pelo Dr. Pëtho Sándor (1982), que consiste de uma seqüência básica de toques sutis nos dedos, na planta dos pés, no calcanhar e na perna, seguido de toque na cabeça. Os cuidados referentes à aplicação da seqüência são discutidos, assim como os desenvolvimentos posteriores da técnica. O trabalho com os toques sutis sobre a pele se sustenta e se justifica pela estrutura anatômica, embriológica e simbólica desta, o que é explicado didaticamente a seguir. Sendo um método de auto-regulação do organismo total, incluindo a psique, a calatonia permite equilíbrio e alinhamentos dos vários corpos que constituem o ser, facilitando, também, a emergência de imagens e conteúdos pré-conscientes ou inconscientes, promovendo a ampliação da consciência. Tal proposta coloca o método em relação com a Psicologia Analítica, o que é discutido no capítulo seguinte.

Embora não tenha incluído o trabalho corporal em seus atendimentos, Jung faz, ao longo de toda sua obra, inúmeras referências ao corpo, tanto como o único lugar possível da existência e da individuação, como a seus aspectos simbólicos. O décimo capítulo ilustra, do todo da obra, as referências aos processos corporais encontradas nas “Conferências de Tavistock” (JUNG, 1989), como ilustração disso.

No todo e em suas partes, trata-se de um livro fundamental, tanto em sua utilização didática como material de base em cursos de formação de terapeutas corporais, quanto para uso clínico. Mais do que uma técnica ou um método, o livro apresenta e discute uma possibilidade de abordar terapeuticamente, não o corpo, mas o ser humano integrado e considerado em diferentes aspectos; não o sintoma corporal como subproduto do conflito psíquico, mas a compreensão do símbolo que se manifesta também corporalmente, em linguagem e com meios de acesso próprios, mais diretos e adequados.

REFERÊNCIAS

- FARAH, R.M. *Integração Psicofísica. O Trabalho Corporal e a Psicologia de C. G. Jung*. 2ª edição. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008.
- JUNG, C.G. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- NEUMANN, E. *A Criança. Estrutura e Dinâmica da Personalidade*. Em desenvolvimento desde o início de sua formação. São Paulo: Cultrix, 1991
- SÁNDOR, P et. al. *Técnicas de Relaxamento*. 4 ed. São Paulo: Vetor, 1982.
- SCHILDER, P. *A Imagem do Corpo. As energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1981